

INTERCÂMBIO EDUCACIONAL E CULTURAL ENTRE MOÇAMBIQUE E BRASIL:

A Experiência Amefricanas Dos Estudantes Moçambicanos Em São Luís de Maranhão No Diálogo Sul-Sul

EDUCATIONAL AND CULTURAL EXCHANGE BETWEEN MOCAMBIQUE AND BRAZIL:

The African Experience of Mozambican Students in São Luís de Maranhão In The South-South Dialogue

INTERCAMBIO EDUCATIVO Y CULTURAL ENTRE MOZAMBIQUE Y BRASIL:

La Experiencia Amefricana de los Estudiantes Mozambiqueños en São Luís de Maranhão en el Diálogo Sur-Sur

ÉCHANGE ÉDUCATIF ET CULTUREL ENTRE LE MOZAMBIQUE ET LE BRÉSIL

: L'Expérience Américaine des Étudiants Mozambicains à São Luís de Maranhão dans le Cadre du Dialogue Sud-Sud

Bernardino Cordeiro Feliciano

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil), e docente da Universidade Pedagógica de Maputo (Moçambique).

mutepa2000@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-7312-6896>

Recebido em: 22/01/2025

Aceito para publicação: 21/03/2025

Resumo

O artigo examina o programa de intercâmbio entre Moçambique e o Brasil, com foco na experiência vivida pelos estudantes moçambicanos no Maranhão, particularmente no contexto da Universidade Federal de Maranhão. Elaborado com base nos depoimentos de 14 estudantes intercambistas da Universidade Pedagógica de Maputo e 4 da Universidade Pungue, que compunham a delegação moçambicana no Programa Caminhos Amefricanos, o texto destaca a imersão cultural e histórica como ferramenta de enriquecimento para os participantes. Dividido em três partes, o artigo analisa a importância da solidariedade orgânica, conforme definida por Durkheim, para a coesão social nas comunidades afrodescendentes. A primeira parte do artigo discute a vivência dos intercambistas nas comunidades quilombolas e sua reflexão sobre a herança africana, a resistência ao racismo e a preservação da memória histórica. A segunda parte explora propostas de políticas públicas para o combate ao racismo e a relevância do diálogo Sul-Sul. A terceira parte foca na educação e na troca intercultural como mecanismos para fortalecer a coesão social. A análise revela como a convivência nas comunidades quilombolas e a interação com as culturas locais reforçam a identidade coletiva e a luta pela igualdade racial. O artigo conclui que o intercâmbio contribui para a construção de uma sociedade

mais justa e integrada, baseada na valorização da ancestralidade e na solidariedade entre os países do Sul.

Palavras-chave: Intercâmbio; Coesão Social; Solidariedade Orgânica; Quilombos; Diáspora Africana.

Abstract

This article examines the exchange program between Mozambique and Brazil, focusing on the experience of Mozambican students in Maranhão, particularly in the context of the Federal University of Maranhão. Based on the testimonies of 14 exchange students from the Pedagogical University of Maputo and 4 from the Pungue University, who made up the Mozambican delegation in the Caminhos Amefricanos Program, the text highlights cultural and historical immersion as a tool for enrichment for participants. Divided into three parts, the article analyzes the importance of organic solidarity, as defined by Durkheim, for social cohesion in Afro-descendant communities. The first part of the article discusses the experience of exchange students in quilombola communities and their reflections on African heritage, resistance to racism, and the preservation of historical memory. The second part explores public policy proposals to combat racism and the relevance of South-South dialogue. The third part focuses on education and intercultural exchange as mechanisms to strengthen social cohesion. The analysis reveals how coexistence in quilombola communities and interaction with local cultures reinforce collective identity and the fight for racial equality. The article concludes that exchange contributes to the construction of a more just and integrated society, based on the appreciation of ancestral heritage and solidarity among countries of the South.

Keywords: Exchange; Social Cohesion; Organic Solidarity; Quilombos; African Diaspora.

Resumen

El artículo examina el programa de intercambio entre Mozambique y Brasil, centrándose en la experiencia de los estudiantes mozambiqueños en Maranhão, particularmente en el contexto de la Universidad Federal de Maranhão. Elaborado a partir de los testimonios de 14 estudiantes de intercambio de la Universidad Pedagógica de Maputo y 4 de la Universidad de Pungue, que integraron la delegación mozambiqueña en el Programa Caminhos Amefricanos, el texto destaca la inmersión cultural e histórica como herramienta de enriquecimiento para los participantes. Dividido en tres partes, el artículo analiza la importancia de la solidaridad orgánica, tal como la define Durkheim, para la cohesión social en las comunidades afrodescendientes. La primera parte del artículo analiza la experiencia de los estudiantes de intercambio en las comunidades quilombolas y su reflexión sobre la herencia africana, la resistencia al racismo y la preservación de la memoria histórica. La segunda parte explora propuestas de políticas públicas para combatir el racismo y la relevancia del diálogo Sur-Sur. La tercera parte se centra en la educación y el intercambio intercultural como mecanismos para fortalecer la cohesión social. El análisis revela cómo la convivencia en comunidades quilombolas y la interacción con las culturas locales refuerzan la identidad colectiva y la lucha por la igualdad racial. El artículo concluye que el intercambio contribuye a la construcción de una sociedad más justa e integrada, basada en la valorización de la ascendencia y la solidaridad entre los países del Sur.

Palabras clave: Intercambio; Cohesión Social; Solidaridad Orgánica; Quilombos; Diáspora Africana.

Résumé

L'article examine le programme d'échange entre le Mozambique et le Brésil, en se concentrant sur l'expérience des étudiants mozambicains au Maranhão, notamment dans le contexte de l'Université fédérale du Maranhão. Préparé à partir des témoignages de 14 étudiants d'échange de l'Université pédagogique de Maputo et de 4 de l'Université de Pungue, qui composaient la délégation mozambicaine du programme Caminhos Amefricanos, le texte met en valeur l'immersion culturelle et historique comme outil d'enrichissement pour les participants. Divisé en trois parties, l'article analyse l'importance de la solidarité organique, telle que définie par Durkheim, pour la cohésion sociale des

comunautés afro-descendantes. La première partie de l'article discute de l'expérience des étudiants d'échange dans les communautés quilombola et de leur réflexion sur le patrimoine africain, la résistance au racisme et la préservation de la mémoire historique. La deuxième partie explore les propositions de politiques publiques pour lutter contre le racisme et la pertinence du dialogue Sud-Sud. La troisième partie se concentre sur l'éducation et les échanges interculturels en tant que mécanismes permettant de renforcer la cohésion sociale. L'analyse révèle comment la coexistence au sein des communautés quilombolas et l'interaction avec les cultures locales renforcent l'identité collective et la lutte pour l'égalité raciale. L'article conclut que les échanges contribuent à la construction d'une société plus juste et plus intégrée, fondée sur la valorisation de l'ascendance et de la solidarité entre pays du Sud.

Mots-clés : Echange ; Cohésion Sociale; Solidarité Organique; Quilombos; Diaspora Africaine.

Introdução

O artigo investiga o impacto do intercâmbio cultural entre Moçambique e o Brasil, centrado no Maranhão, e a maneira como essa experiência imersiva contribui para a reflexão sobre as relações históricas e culturais entre as duas nações. Dividido em três partes, o estudo utiliza a teoria de coesão social de Émile Durkheim para examinar como a solidariedade orgânica, um princípio fundamental das sociedades modernas, facilita a construção de uma identidade coletiva e promove a integração social. No centro dessa reflexão está a troca de saberes e a convivência com as comunidades afrodescendentes, como os quilombos, que reforçam a importância da ancestralidade e a luta contra o racismo. Através dessa troca, busca-se entender como as experiências culturais e históricas contribuem para a construção de uma sociedade mais coesa e justa.

O programa de intercâmbio, proporciona aos participantes a oportunidade de se aprofundarem em questões relacionadas ao racismo, identidade e memória histórica. Ao vivenciarem diretamente as tradições e práticas culturais de comunidades quilombolas, os intercambistas têm a oportunidade de refletir sobre as dinâmicas de solidariedade que unem esses grupos, reforçando a importância da regulação social e do reconhecimento da diversidade. Nesse contexto, a solidariedade orgânica se manifesta na interdependência entre indivíduos e grupos que compartilham uma visão comum sobre a identidade e a luta contra as desigualdades.

A primeira parte do artigo descreve como os intercâmbios culturais e as visitas a locais históricos no Maranhão, como os quilombos, ajudam a formar uma base para o entendimento das práticas culturais afro-brasileiras e sua relevância na construção da identidade coletiva. Essas interações fornecem uma plataforma para os participantes refletirem sobre a importância da memória histórica, não apenas como um resgate do passado, mas como um meio de resistência às narrativas que marginalizam a cultura africana. Assim, o programa permite uma reflexão sobre o papel das comunidades afrodescendentes na formação da sociedade brasileira contemporânea.

A segunda parte do artigo explora a importância do diálogo intercultural para o fortalecimento da coesão social, particularmente no que diz respeito às políticas públicas de igualdade racial. Propostas como a criação de mais espaços de intercâmbio entre África e Brasil são discutidas como formas de promover a solidariedade orgânica entre as duas regiões. O intercâmbio não apenas expande o entendimento dos participantes sobre as questões raciais no Brasil, mas

também oferece uma plataforma para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes para combater o racismo e promover a inclusão social.

Na terceira parte, o artigo aborda a importância da educação e do diálogo Sul-Sul como formas de reforçar as relações acadêmicas e culturais entre os países do hemisfério Sul. O intercâmbio cultural se revela como um meio para aprofundar as trocas de saberes e experiências, contribuindo para a construção de uma rede de solidariedade que transcende as fronteiras nacionais e culturais. A análise das experiências dos intercambistas revela como essas trocas podem contribuir para o fortalecimento da coesão social e para a construção de um futuro mais inclusivo e igualitário.

Durkheim e a teoria de coesão social e seu respaldo no contexto de diálogos sul-sul

A teoria da coesão social, formulada por Durkheim, é uma das bases da sociologia moderna, sendo central para compreender como os indivíduos se integram em uma sociedade e como essa integração assegura a estabilidade social. Sua análise concentra-se no papel das normas sociais e das instituições como elementos estruturantes da sociedade, e como esses fatores moldam a coesão social e a ordem social.

Durkheim distingue dois tipos de solidariedade que são fundamentais para a coesão social: a solidariedade mecânica e a solidariedade orgânica. A solidariedade mecânica ocorre em sociedades tradicionais, onde os indivíduos possuem funções semelhantes e compartilham um conjunto de crenças e valores comuns. Nesse contexto, a coesão social é baseada na similaridade e homogeneidade dos membros da sociedade, e a divisão do trabalho é simples. Durkheim afirma que “A solidariedade mecânica se fundamenta na semelhança, ou seja, na identidade de crenças, comportamentos e práticas que unem os indivíduos” (DURKHEIM, 1999, p. 61). A integração aqui se dá por meio de uma forte repressão coletiva das divergências, onde os indivíduos são profundamente influenciados por normas rígidas. A solidariedade mecânica reflete a ordem social típica de sociedades menos complexas, onde a divisão do trabalho é menos desenvolvida.

Por outro lado, a solidariedade orgânica predomina em sociedades modernas, onde a divisão do trabalho é mais complexa, e os indivíduos desempenham funções diferentes, mas interdependentes. Durkheim observa que “A solidariedade orgânica se baseia na especialização e na interdependência dos indivíduos, ou seja, cada um desempenha um papel único e fundamental para o funcionamento do todo” (DURKHEIM, 1999, p. 84). Essa forma de solidariedade permite que a coesão social seja mantida apesar das diferenças individuais, já que a interdependência entre os membros da sociedade garante a sua integração. A solidariedade orgânica está, assim, relacionada a uma divisão do trabalho mais detalhada e elaborada, o que caracteriza as sociedades mais avançadas. A coesão social, nesse caso, é sustentada por normas mais flexíveis e pela regulação social que controla as relações complexas entre os indivíduos.

Durkheim (1999) amplia a compreensão sobre a coesão social ao discutir como a falta de integração e regulação social pode levar a comportamentos desviantes, como o suicídio. O autor aponta que a anomia, uma forma de desintegração social, ocorre quando as normas

sociais se tornam indefinidas ou inexistem, deixando os indivíduos sem uma orientação clara. Ele afirma que “A anomia, caracterizada pela falta de normas, é uma das principais causas do suicídio, pois ela deixa os indivíduos sem direção, desprovidos de coesão” (DURKHEIM, 1999, p. 101). A ausência de coesão social resulta no enfraquecimento das ligações entre os indivíduos, comprometendo a solidariedade e a ordem social.

Durkheim também distingue diferentes tipos de suicídio, os quais refletem os impactos variados da coesão social. O suicídio egoísta ocorre quando o indivíduo está excessivamente desconectado da sociedade, enquanto o suicídio anômico é causado pela perda das normas reguladoras. Durkheim observa que “O suicídio egoísta é um reflexo da falta de integração do indivíduo à sociedade, uma vez que, sem as ligações sociais, o indivíduo se sente isolado e sem propósito” (DURKHEIM, 1999, p. 45). Nessa perspectiva, a coesão social é diretamente ligada à estabilidade das normas e à integração dos indivíduos na sociedade.

Ademais, Durkheim propõe que a sociologia deve ser uma ciência rigorosa que estuda os fatos sociais de maneira objetiva e imparcial. Ele destaca que a coesão social deve ser vista como um fato social, ou seja, como algo externo ao indivíduo, mas que exerce uma influência determinante sobre ele. Durkheim defende que “Os fatos sociais são maneiras de agir, pensar e sentir que exercem um poder coercitivo sobre os indivíduos” (DURKHEIM, 2007, p. 55). Dessa forma, a coesão social é um fato social que age de maneira coercitiva sobre os membros da sociedade, regulando suas ações e pensamentos, e garantindo a ordem social.

A educação, segundo autor, também desempenha um papel central na manutenção da coesão social. Ele argumenta que a educação tem a função de transmitir as normas sociais e formar a moral coletiva, integrando os indivíduos à sociedade. Durkheim escreve que “A educação moral tem como principal objetivo a formação do indivíduo dentro dos princípios da solidariedade social, para que ele possa desempenhar seu papel de maneira eficiente na sociedade” (DURKHEIM, 2000, p. 22). Assim, a educação é vista como um meio de fortalecer a coesão social, criando uma base comum de valores que une os membros da sociedade e assegura a continuidade da regulação social.

Outrossim, o autor expande ainda mais a teoria da coesão social ao afirmar que a religião é uma das principais fontes de solidariedade nas sociedades. Para ele, a religião oferece um sistema de crenças e práticas coletivas que reforçam os laços sociais e criam uma moral comum. Ele escreve que “A religião é a forma mais elementar e potente de coesão social, pois ela cria uma consciência coletiva que liga os indivíduos a um poder superior e ao seu grupo social” (DURKHEIM, 2002, p. 50). A religião, ao fornecer uma visão compartilhada da vida, permite que os indivíduos se sintam parte de algo maior do que eles mesmos e fortalece a solidariedade social.

Ainda mais, Durkheim sugere que a coesão social pode ser observada por meio dos rituais religiosos, que são fundamentais para a integração dos indivíduos na sociedade. Ele afirma que “Os rituais têm um poder integrador, pois eles expressam e reforçam as crenças coletivas, criando um sentimento de pertencimento entre os indivíduos” (DURKHEIM, 2002, p. 62). Esses rituais servem como uma forma de socialização que assegura a continuidade da moral coletiva e fortalece os laços sociais.

Durkheim conclui que a coesão social é um elemento indispensável para o bom funcionamento de qualquer sociedade, seja ela simples ou complexa. Em todas as suas obras, ele destaca que a coesão social depende de um equilíbrio entre as normas sociais, a educação, as instituições e as crenças coletivas. A coesão social, segundo Durkheim, deve ser constantemente mantida e renovada para garantir a estabilidade e a ordem social. Como ele afirma em *As Regras do Método Sociológico* (2007): “A coesão social não é algo que se mantém por acaso, mas requer um esforço contínuo da sociedade para integrar os indivíduos e mantê-los alinhados às normas coletivas” (DURKHEIM, 2007, p. 110).

A solidariedade orgânica pode ser observada nas relações interdependentes entre os membros da comitiva moçambicana e os habitantes de São Luís, onde cada grupo, com suas especificidades culturais e históricas, desempenha papéis interdependentes na construção de um entendimento mútuo.

O diálogo Sul-Sul reflete uma forma de solidariedade orgânica que visa superar barreiras culturais e históricas, promovendo uma integração baseada na especialização das experiências e no respeito pelas diferenças, sem eliminá-las, mas respeitando-as para criar uma coesão social robusta. O enfrentamento do racismo pode ser interpretado como uma tentativa de combater a anomia social, restaurando normas de inclusão e respeito essenciais para a coesão social, especialmente em um contexto em que a opressão histórica enfraqueceu essas ligações.

A ressignificação da história visa reintegrar os indivíduos à moral coletiva, redefinindo suas identidades e papéis dentro da sociedade para fortalecer a solidariedade social. A educação e o diálogo cultural entre Moçambique e São Luís, além de promoverem a integração, atuam como formas de socialização que contribuem para a regulação social, garantindo que as normas de respeito e inclusão sejam compartilhadas e aplicadas por todos os envolvidos.

Em suma, a teoria de coesão social fornece uma compreensão profunda das dinâmicas de integração e solidariedade presentes no artigo, destacando como a colaboração e a troca cultural podem fortalecer a coesão social entre diferentes grupos, respeitando e promovendo suas especificidades culturais e históricas.

Imersão cultural e histórica como ferramenta de enriquecimento

O programa de intercâmbio entre Moçambique e o Brasil, com foco no Maranhão, oferece uma experiência imersiva que proporcionou aos participantes a oportunidade de refletirem sobre as complexas relações históricas e culturais que envolvem a diáspora africana e sua relevância na sociedade brasileira contemporânea. Através de visitas a quilombos, centros culturais e participação em atividades sociais, os intercambistas puderam explorar a diversidade cultural local, promovendo uma compreensão mais profunda sobre questões de identidade, pertencimento e a preservação da memória histórica, temas fundamentais para entender o legado africano no Brasil. Esse intercâmbio, em sua essência, promoveu uma reflexão sobre os valores que moldam a coesão social nas duas nações, tornando-se uma plataforma para discutir as dinâmicas de solidariedade que mantêm unidas as comunidades afrodescendentes em ambos os lados do Atlântico.

A análise dessa experiência permitiu uma compreensão mais aprofundada dos mecanismos que operam para garantir a integração dos participantes e a construção de uma identidade coletiva. O programa de intercâmbio procurou fomentar a solidariedade social. Nos quilombos, por exemplo, a solidariedade orgânica – característica das sociedades modernas e complexas, onde a interdependência entre indivíduos que desempenham papéis especializados promove a coesão social – se reflete na interação e no fortalecimento de laços entre os intercambistas e as comunidades locais. Ao vivenciarem diretamente as tradições e a resistência das comunidades quilombolas, os participantes puderam experimentar a interdependência entre diferentes formas de saberes e práticas culturais, além de perceber como essa diversidade, longe de ser uma fonte de fragmentação, é fundamental para a construção de uma identidade coletiva baseada em valores compartilhados, como a luta contra o racismo e a valorização da ancestralidade.

Láima Da Cádmiá Moisés, ao refletir sobre sua experiência, fez uma conexão direta com a herança africana, um dos pilares da ordem moral que sustenta a coesão social nas comunidades quilombolas. Ela afirma: “Aprendi que a ancestralidade é muito forte no povo africano e que devemos dizer chega ao racismo, pois a raça negra também é raça”. A defesa da ancestralidade e o enfrentamento do racismo se tornam, assim, uma expressão clara da regulação social, que se dá por meio de normas e valores partilhados. O entendimento de Láima sobre a resistência e a identidade afrodescendente é um exemplo da moral coletiva, essencial para a coesão social, visto que ela surge do reconhecimento e respeito pelas tradições e pela memória histórica de um grupo. Essa moral coletiva, em que as vivências da ancestralidade e a luta contra o racismo se tornam princípios fundamentais, é reforçada nas interações com as comunidades locais, que cultivam e transmitem esses valores por meio da convivência diária.

Angelina Bernaldo Manuel também compartilha sua percepção sobre o impacto da visita aos quilombos e ao Centro Histórico de São Luís, que ampliaram sua compreensão sobre a riqueza cultural local. Segundo ela, “A interação com os moradores do quilombo da Santa Rosa dos Pretos e o Centro Histórico de São Luís enriqueceram a experiência”. Aqui, a divisão do trabalho dentro das comunidades quilombolas e o papel fundamental que a preservação da memória histórica desempenha no processo de coesão social ficam evidentes. Em um contexto de solidariedade orgânica, como o das sociedades modernas, o conhecimento compartilhado e as práticas coletivas não só preservam a história, mas também desempenham uma função reguladora, pois transmitem normas e valores essenciais para a construção de uma identidade sólida e inclusiva.

Além disso, o intercâmbio propôs uma reflexão sobre a implementação de políticas públicas de igualdade racial, que são fundamentais para a promoção da coesão social em um país com as complexas questões raciais que o Brasil enfrenta. Valentim Nhantumbo, ao sugerir a criação de mais espaços de intercâmbio entre África e Brasil, reconhece o papel crucial de políticas públicas para fortalecer o diálogo Sul-Sul sobre questões raciais. Ele propõe: “Proponho a abertura de mais espaços para intercâmbios e um diálogo Sul-Sul sobre as questões raciais”. Tal proposta dialoga diretamente com a solidariedade orgânica, ao reconhecer que, em uma sociedade globalizada e interconectada, a promoção da igualdade racial exige a construção de redes de solidariedade que transcendem fronteiras e permitem uma troca contínua de saberes

e experiências. A criação de espaços de intercâmbio cultural é, portanto, uma estratégia para fortalecer as relações de interdependência entre os países africanos e brasileiros, além de promover uma maior integração das questões raciais no cenário internacional.

Os intercâmbios culturais, como o celebrado Dia Nacional de Zumbi, proporcionam aos participantes não apenas a oportunidade de vivenciar as tradições afro-brasileiras, mas também de se engajar ativamente na luta contra o racismo. Lúcia Armando destaca que “O intercâmbio foi uma oportunidade para entender as leis contra o racismo no Brasil e os desafios de identidade racial”. A imersão nesse contexto cultural oferece aos participantes a oportunidade de refletir sobre o impacto da anomia – a falta de normas claras e estáveis – que muitos grupos enfrentam em sociedades marcadas por desigualdades. O entendimento das políticas públicas voltadas para o combate ao racismo contribui para a regulação social, reforçando a importância da justiça e da igualdade na formação de uma moral coletiva que sirva como base para a construção de uma sociedade mais coesa e igualitária.

Em síntese, o programa de intercâmbio no Maranhão não apenas proporcionou uma imersão na rica cultura afro-brasileira, mas também contribuiu para a reflexão sobre a importância da coesão social em um contexto globalizado. A convivência nas comunidades quilombolas e a aprendizagem sobre a história e as tradições locais ajudaram os intercambistas a compreender o papel fundamental da solidariedade orgânica na construção de uma identidade coletiva que respeita e valoriza a ancestralidade. As visitas a locais históricos e culturais, juntamente com a reflexão sobre políticas públicas de igualdade racial, proporcionaram uma visão ampla sobre os desafios e as possibilidades de construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Dessa forma, o intercâmbio contribuiu para o desenvolvimento de um futuro mais igualitário, fundamentado na luta contra a discriminação racial e na promoção da dignidade e do respeito às diferenças.

O enfrentamento do racismo e a resignificação da história

O programa de intercâmbio entre Moçambique e o Brasil, particularmente a edição no Maranhão, proporcionou uma vivência transformadora para os participantes, que puderam imergir na rica cultura afro-brasileira e refletir sobre as questões raciais e a herança africana. A interação entre os intercambistas moçambicanos e as comunidades locais, especialmente os quilombos e as atividades históricas e culturais promovidas, contribuiu não apenas para o fortalecimento de vínculos sociais, mas também para a resignificação de sua própria identidade. Através dessas experiências, foi possível vivenciar um processo de aprendizagem e reflexão acerca da ancestralidade, da luta contra o racismo e da importância de se resgatar a memória histórica como um ato de resistência.

Em seus depoimentos, os intercambistas expressaram como a vivência da cultura e das tradições afro-brasileiras ampliou suas percepções sobre o racismo e a valorização da cultura africana. Por exemplo, Láima Da Cádmiá Moisés destacou a experiência transformadora que foi aprender sobre a força da ancestralidade africana e a luta contra o racismo: “Aprendi que a ancestralidade é muito forte no povo africano e que devemos dizer chega ao racismo, pois a raça negra também é raça”. Esse reconhecimento da força da ancestralidade e a luta contra os

estigmas raciais estão profundamente conectados ao conceito de coesão social, que se refere à capacidade de uma sociedade de manter sua unidade e estabilidade, mesmo diante de diferentes contextos e desafios. Ao refletir sobre sua própria ancestralidade e sobre a luta contra o racismo, a intercambista propõe uma forma de integrar essas questões na construção de um futuro mais justo e igualitário, contribuindo para a reconfiguração das normas e valores sociais que sustentam a exclusão histórica de certos grupos.

As experiências vividas nos quilombos, como o Quilombo Santa Rosa dos Pretos, foram elementos chave para a reflexão sobre a resistência afrodescendente e o fortalecimento da identidade coletiva. A visita a esse e a outros locais históricos no Maranhão permitiu que os participantes compreendessem a importância da memória coletiva para a luta contra a opressão racial e a preservação da cultura afro-brasileira. Angelina Bernaldo Manuel relata que “a interação com os moradores do quilombo da Santa Rosa dos Pretos e o Centro Histórico de São Luís enriqueceram a experiência”, apontando a relevância da preservação dessas tradições como uma forma de resistência à marginalização. Esse processo de imersão cultural e histórica é fundamental para o fortalecimento da coesão social, pois permite a construção de uma moral coletiva compartilhada, que integra os valores da ancestralidade, da resistência e da luta contra o racismo no imaginário social.

A teoria da coesão social, baseada na interdependência e na especialização das funções dentro de uma sociedade moderna, explica como a diversidade de experiências e as diferenças culturais podem coexistir de forma harmoniosa, desde que exista um esforço comum em manter o respeito pelas normas sociais e pela identidade coletiva. No contexto do intercâmbio, as interações entre os intercambistas e os moradores locais reforçam a ideia de solidariedade orgânica, onde, apesar das diferenças de origem e cultura, a colaboração e o reconhecimento mútuo possibilitam a coesão social. Esse processo de integração e compreensão das experiências alheias cria um ambiente propício para o desenvolvimento de um senso de pertencimento, que é essencial para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Outro ponto crucial abordado pelos intercambistas é a importância da educação e do diálogo intercultural na promoção de uma maior compreensão das questões raciais e da luta contra o racismo. Valentim Nhandumbo, por exemplo, propôs a criação de mais espaços de intercâmbio entre África e Brasil, ressaltando a importância do diálogo Sul-Sul e da reflexão sobre a identidade racial. A abertura desses espaços permite que as novas gerações possam se confrontar com as questões do racismo e da desigualdade racial de maneira mais profunda, contribuindo para o fortalecimento da coesão social. Segundo ele, “proponho a abertura de mais espaços para intercâmbios e um diálogo Sul-Sul sobre as questões raciais”, uma sugestão que visa promover o entendimento mútuo e o fortalecimento de laços entre os povos africanos e afro-brasileiros. A educação desempenha, portanto, um papel central na construção dessa moral coletiva que sustenta a coesão social, pois ela não só transmite conhecimentos, mas também valores que formam a base da regulação social.

As reflexões sobre a memória histórica e a importância de revisitar a história para compreender a atual condição de existência dos afrodescendentes também são destacadas por Roly Remígio Bernabé Nkondya, que afirma que as visitas a pontos históricos como o Arquivo Público do Maranhão e o Solar Cultural Maria Firmina dos Reis “reforçaram o valor da

memória histórica e literária”. Esse resgate histórico não é apenas uma maneira de preservar o passado, mas também uma ferramenta fundamental para enfrentar os preconceitos raciais que ainda persistem nas sociedades contemporâneas. A construção de uma identidade coletiva baseada no reconhecimento das lutas e resistências afro-brasileiras contribui para o fortalecimento da coesão social, ao criar um sentido de pertencimento e de continuidade entre as gerações.

No entanto, o enfrentamento do racismo não se dá apenas pela preservação das memórias culturais e pela construção de uma moral coletiva. A luta contra o racismo também passa pela criação de políticas públicas que promovam a igualdade racial e garantam a inclusão social. O intercâmbio permitiu aos participantes refletir sobre as políticas públicas de igualdade racial no Brasil e do “racismo” em Moçambique, como destacado por Lúcia Armando, que afirmou que o Brasil tem implementado leis para combater o racismo, mas que “como humanos, essa é a coisa certa a ser feita”. Esse reconhecimento das políticas públicas de combate ao racismo é fundamental para a regulação social, pois estabelece as normas que orientam o comportamento coletivo em direção a uma sociedade mais justa.

Em resumo, o programa de intercâmbio no Maranhão proporcionou uma rica oportunidade de aprendizagem e reflexão sobre a luta contra o racismo, a valorização da ancestralidade e a importância da memória histórica na construção de uma identidade coletiva. As experiências vividas pelos intercambistas, somadas à reflexão sobre os conceitos de coesão social, solidariedade orgânica, e regulação social, demonstram que a integração dos indivíduos em uma sociedade não é apenas uma questão de convivência, mas também de construção de normas e valores que favoreçam a igualdade e a inclusão social. O enfrentamento do racismo e a ressignificação da história são processos contínuos, que exigem o esforço coletivo para garantir a justiça e a dignidade para todos.

O diálogo Sul-Sul como estratégia de colaboração acadêmica e Cultural

O diálogo Sul-Sul tem emergido como uma estratégia importante para o fortalecimento das relações acadêmicas e culturais entre países do hemisfério Sul. Este tipo de intercâmbio permite o desenvolvimento de um entendimento mais profundo e solidário entre nações que partilham contextos históricos semelhantes, como o legado da escravidão e a busca por justiça social e igualdade. A partir dos depoimentos dos intercambistas participantes de programas de mobilidade acadêmica entre o Brasil e Moçambique, é possível perceber como essas trocas de experiências contribuem para a construção de uma colaboração mais equitativa e mutuamente enriquecedora.

Os depoimentos dos intercambistas revelam a riqueza da aprendizagem intercultural e acadêmica resultante desses intercâmbios. Dércio Magaia destaca a importância de um ambiente de convivência harmoniosa, onde se aprende e se ensina, refletindo um dos aspectos da solidariedade orgânica. Segundo ele, “as atividades acontecem num bom clima e foi de grande aprendizagem, no qual aprendemos várias culturas e ensinamos e apreendemos”. Esse processo de aprendizagem mútua está alinhado com a ideia de interdependência que

caracteriza a solidariedade orgânica, na qual, embora as culturas possam ser diferentes, a colaboração resulta em um entendimento e respeito mútuos que reforçam a coesão social.

Valentim Nhantumbo também destaca a importância de iniciativas de intercâmbio para o fortalecimento dos laços entre as duas culturas, sugerindo a abertura de mais espaços de diálogo e a troca de experiências, especialmente no contexto africano. Ele afirma que a “dedicação, entrega e cooperação por parte da comitiva coordenadora do Brasil no sentido de juntar forças” foi fundamental para o sucesso do programa. Este tipo de colaboração reflete a construção de normas e regulamentos sociais que, mesmo sendo baseados em contextos e realidades distintas, podem ser adaptados para fortalecer as relações entre as nações.

Além disso, os intercambistas observaram como as experiências vividas no Brasil enriqueceram suas próprias compreensões das questões culturais e sociais. Por exemplo, Dorca da Ester Areano Mondlane, ao relatar sua experiência no Maranhão, salienta como foi enriquecedor entender a valorização da cultura e da ancestralidade africanas no Brasil. A convivência com os quilombos e a participação em eventos como o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra proporcionaram uma imersão profunda em temas relacionados à diáspora africana, que conectam os participantes ao passado comum e à luta pela igualdade racial. Essa vivência fortalece a coesão social ao reafirmar os valores comuns que unem as duas culturas, contribuindo para a redução de distâncias sociais, culturais e históricas.

A diversidade cultural vivida durante o programa também permite que os intercambistas promovam a troca de saberes acadêmicos e científicos. António José, por exemplo, destaca como teve a oportunidade de “aprender muito e inspirar outras pessoas, compartilhando minhas experiências e conhecimentos sobre a cultura moçambicana”. A partilha de conhecimentos e experiências entre os intercambistas fortalece as ligações sociais entre os países participantes, contribuindo para a criação de uma rede colaborativa que transcende as barreiras culturais e linguísticas.

A ideia de que as semelhanças culturais, especialmente aquelas derivadas da herança africana, proporcionam um ponto de convergência entre as sociedades também é refletida em vários depoimentos. Marta Nafissa Uamba observa que a troca de experiências culturais entre os países envolvidos no intercâmbio permitiu aproximá-la de sua própria realidade religiosa, algo que, segundo ela, “pode ser explicado pela presença de influências africanas na cultura brasileira, como o sincretismo religioso”. A religião é uma fonte fundamental de solidariedade, pois oferece um sistema de crenças coletivas que une os indivíduos em torno de um propósito comum. Nesse sentido, os rituais religiosos e as práticas culturais compartilhadas servem como mecanismos de integração e fortalecimento dos laços sociais entre os intercambistas.

A integração social também é uma consequência importante desses programas de intercâmbio. Lácio Damiano Macie, ao refletir sobre a importância do programa de intercâmbio, destaca que “a troca de experiências culturais e históricas entre os dois países” fortaleceu os laços acadêmicos e culturais, especialmente no que tange à luta pela igualdade racial e a promoção da justiça social. Ao abordar as políticas públicas de igualdade racial no Brasil, Lácio sugere que essas trocas são fundamentais para entender como as políticas locais podem ser adaptadas às realidades africanas, evidenciando a importância do diálogo Sul-Sul para a construção de soluções colaborativas para questões globais.

Por fim, a cooperação acadêmica e cultural resultante desses intercâmbios vai além da simples troca de informações, oferecendo uma oportunidade única para o fortalecimento de uma rede de solidariedade entre países com experiências históricas e sociais semelhantes. Helga Felicidade Tovela, ao refletir sobre sua experiência no Quilombo Santa Rosa dos Negros, fala sobre a importância do intercâmbio para destacar a “necessidade de abraçar, de braços abertos a pele negra, sua cultura, e também a ancestralidade”, refletindo uma visão mais profunda sobre a relevância desses programas para a valorização das culturas afrodescendentes. Esse tipo de experiência contribui para a coesão social ao criar uma rede de apoio e solidariedade entre os indivíduos, permitindo uma construção mais forte da identidade coletiva.

Em termos teóricos, a colaboração entre os países do Sul, como exemplificado pelos intercâmbios entre Moçambique e o Brasil, é uma expressão clara da solidariedade orgânica, onde a divisão do trabalho acadêmico e cultural cria uma rede de interdependência. A experiência compartilhada fortalece os laços entre os indivíduos e garante uma coesão social mais robusta, permitindo que os participantes se sintam parte de um todo maior. A interdependência entre as partes, que é característica da solidariedade orgânica, torna-se o pilar sobre o qual se constrói a colaboração eficaz entre as nações do Sul.

Assim, a estratégia de diálogo Sul-Sul não apenas promove a troca de conhecimento acadêmico e cultural, mas também contribui para a construção de uma coesão social mais forte entre países que compartilham uma herança comum. Este tipo de colaboração, fundamentado na solidariedade e na interdependência, tem o potencial de transformar as relações internacionais, criando uma rede de apoio mútuo que fortalece a integração e a coesão entre os povos do Sul.

Considerações finais

O programa de intercâmbio no Maranhão revelou-se um importante instrumento para a reflexão sobre as questões de coesão social, identidade e luta contra o racismo. A convivência com as comunidades quilombolas e a interação com as culturas locais permitiram que os intercambistas vivenciassem uma experiência transformadora, refletindo sobre a herança africana e a resistência contra as desigualdades raciais. A troca de saberes entre os participantes de Moçambique e as comunidades brasileiras contribuiu para o fortalecimento de uma identidade coletiva que transcende as fronteiras nacionais e culturais.

A teoria da coesão social de Durkheim, especialmente o conceito de solidariedade orgânica, ajudou a compreender como as interações entre os intercambistas e as comunidades locais promovem a integração social. A interdependência entre os indivíduos, que desempenham papéis especializados, facilita a construção de uma identidade coletiva baseada na valorização da ancestralidade e no enfrentamento do racismo. A experiência no Maranhão mostrou como essa solidariedade é essencial para a formação de uma sociedade mais coesa e justa.

As visitas aos quilombos e a participação em atividades culturais, como o Dia Nacional de Zumbi, proporcionaram uma vivência profunda das tradições afro-brasileiras. Ao refletirem sobre essas experiências, os intercambistas puderam perceber a importância da memória histórica na construção da identidade coletiva. A preservação da cultura afro-brasileira e a luta

contra o racismo são elementos centrais nesse processo de fortalecimento da coesão social, pois ajudam a criar um senso de pertencimento e de continuidade entre as gerações.

O enfrentamento do racismo, abordado pelos intercambistas, destacou a necessidade de políticas públicas eficazes para promover a igualdade racial. A criação de mais espaços de intercâmbio entre África e Brasil, como sugerido por Valentim Nhantumbo, pode contribuir significativamente para o fortalecimento do diálogo Sul-Sul e para o desenvolvimento de estratégias que combatam as desigualdades raciais. A reflexão sobre as políticas públicas no Brasil e em Moçambique evidenciou a importância de integrar a questão racial na agenda política internacional.

A educação foi outro aspecto fundamental abordado no intercâmbio, como meio de fortalecer a coesão social e a inclusão racial. O compartilhamento de experiências acadêmicas e culturais proporcionou uma oportunidade para que os participantes aprendessem uns com os outros, desenvolvendo uma compreensão mais profunda sobre as questões raciais e a importância da solidariedade intercultural. Nesse contexto, a educação se revelou não apenas como um meio de transmissão de conhecimento, mas também como um veículo para a construção de uma moral coletiva que sustente a regulação social.

A experiência no Maranhão também demonstrou como a cooperação acadêmica e cultural pode ser uma poderosa ferramenta para fortalecer os laços entre os países do Sul. O intercâmbio não se limitou a uma simples troca de saberes, mas contribuiu para a construção de uma rede de solidariedade que pode ser expandida para outras áreas da cooperação internacional. O diálogo Sul-Sul tem o potencial de promover uma compreensão mais profunda e solidária entre os países que compartilham experiências históricas e sociais semelhantes.

O fortalecimento da identidade coletiva entre os participantes do intercâmbio foi visível nas interações com as comunidades locais, que ajudaram a reforçar os valores da ancestralidade e da luta contra o racismo. A imersão nas práticas culturais e a convivência com os moradores dos quilombos proporcionaram uma oportunidade única para refletir sobre a importância de resgatar a memória histórica como um meio de resistência às injustiças sociais. Essa vivência contribuiu para a construção de um senso de pertencimento que é fundamental para a coesão social.

O conceito de solidariedade orgânica se manifestou claramente no programa de intercâmbio, ao permitir que os participantes trabalhassem juntos, compartilhando suas experiências e aprendendo uns com os outros. Essa interdependência contribuiu para a construção de uma identidade coletiva que é mais forte quando se baseia no reconhecimento e no respeito pela diversidade cultural. A experiência do intercâmbio mostrou que a solidariedade não é apenas uma questão de convivência, mas também de colaboração e compreensão mútua.

O intercâmbio no Maranhão também ilustrou a importância de revisitar a história para compreender as condições atuais das comunidades afrodescendentes. Ao se depararem com os desafios históricos e contemporâneos do racismo, os participantes puderam perceber como a memória histórica e a luta pela igualdade racial estão intimamente ligadas. A preservação

dessas memórias não é apenas um ato de resistência, mas também uma forma de garantir que as futuras gerações possam construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

Finalmente, o programa de intercâmbio entre Moçambique e o Brasil demonstrou que a troca de experiências culturais e acadêmicas pode ser uma estratégia eficaz para promover a coesão social e a igualdade racial. Ao integrar a solidariedade orgânica e a coesão social nas interações entre os intercambistas e as comunidades locais, o programa ajudou a criar uma base sólida para o desenvolvimento de uma identidade coletiva que respeite e valorize as diferenças culturais e históricas.

Referências bibliográficas

DURKHEIM, E. **A Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, E. **A Educação Moral**. São Paulo: Editora Pioneira, 2000.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007.

DURKHEIM, E. **O Suicídio**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.